



UM RECITAL MEMORÁVEL

Giácomo de Carlli da Silva¹
Cristina Rolim Wolffenbüttel²

Resumo

O presente memorial apresenta minha trajetória como estudante de música e como um rapaz *gay*, que encontrou na música e em sua interpretação, uma forma singela de mostrar para a maior parte de minha família, amigos, colegas, alunos e conhecidos minha orientação sexual. Encontrei na música, que escolhi como profissão, o consolo necessário para apresentar meu modo de ser e de estar. O recital foi intitulado com o meu nome que, de uma forma simples, familiar e delicada no sentido sentimental, objetivou contar minha história de vida em família, entrelaçada à história da música. Este recital foi organizado com a ajuda de colegas de outros cursos, incluindo atores, músicos e dançarinos, ajudando-me a criar esse espetáculo.

Palavras-chave: Educação musical. *Gay*. Piano. Recital. Memorial.

Contextualizando

Historicamente, a homossexualidade é considerada um ato imoral perante a sociedade. Nessa perspectiva, como estudante da licenciatura em música, resolvi expressar minha identidade *gay* através de um recital de piano.


Pelo fato de me sentir exposto a frases como: “quando tu arrumares uma namorada”, “tu tens de arrumar uma mulher trabalhadeira”, dentre outras, resolvi unir a música a uma forma elegante e sincera, a meu ver, de expressar minha sexualidade.

Para organizar esse espetáculo, montei uma relação entre a cronologia da história da música com minha própria história familiar. Mesmo receoso, elaborei o recital, nomeando-o Recital Memorial. Trabalhei com atores representando algumas das gerações mais antigas da minha família, tanto paterna, quanto materna. Além disso, utilizei filmagens que dispunha, apresentando diversos momentos vividos por mim e parte de minha família. Devo salientar que poucos membros da minha família sabiam de minha sexualidade.

¹ Graduado em Música: Licenciatura, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Graduação, giacomoeuroafricanobrasil94@gmail.com.

² Professora orientadora do curso de Graduação em Música: Licenciatura, Especialização em Educação Musical e do Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, cristina-wolffenbuttel@uergs.edu.br.





No final do século XIX, época em que as gerações mais antigas de minhas famílias De Carli e Silva, representadas no Recital Memorial nasceram, o termo homossexualidade foi criado, com vistas a identificar as causas desta patologia.

Em 1892 surgiu o termo “homossexual” (VIEIRA, 2009). Anteriormente a essa época, desde os tempos antigos da história humana, homens se relacionavam com homens e mulheres com mulheres (VIEIRA, 2009). Entretanto, em algumas épocas e lugares, a homossexualidade foi vista como algo comum, como na Grécia Antiga, por exemplo, e em outros lugares e épocas, como algo profano, como na Idade Média.

Cabe salientar que este trabalho não pretende instaurar uma verdade absoluta sobre a homossexualidade. Entendo que esta é uma forma de ser, e não é imoral. Concordo com Louro (2007), que opina:

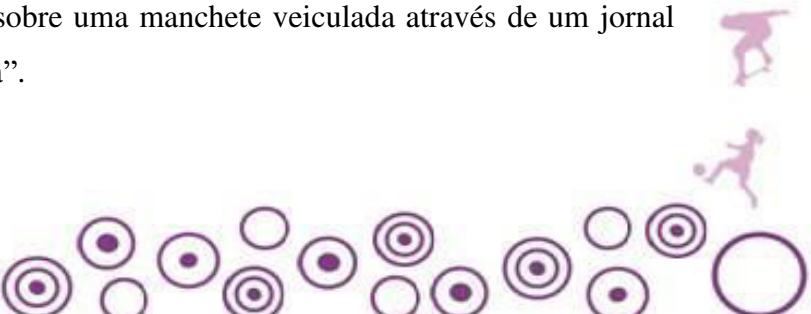
Desprezar alguém por ser gay ou por ser lésbica é, para mim, intolerável. No entanto, na nossa sociedade, essa parece ser uma atitude comum, corriqueira, talvez mesmo “compreensível”. Conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque suas práticas amorosas e sexuais não são heterossexuais é para mim intolerável. Mas esse quadro parece representar, em linhas mais ou menos gerais, a sociedade brasileira. Por isso, sinto-me autorizada a afirmar que a sexualidade ou as tensões em torno da sexualidade constituem-se numa questão que vale a pena colocar em primeiro plano. (LOURO, 2007, p. 203).


A partir de Louro (2007), e de minhas próprias concepções, entendo que “ser” *gay*, não é uma identidade que deva ofender as pessoas, pois se trata de uma forma de viver a vida do modo como se sente confortável e, principalmente, da maneira como se identifica.

O recital

O recital de piano levou um ano e um mês para ser planejado e ensaiado. A apresentação ocorreu em 1º de dezembro de 2017. Pensei em 14 interpretações musicais intercaladas com vídeos e fotografias minhas e de minha família, abarcando as décadas de 1910 e de 2010. São focadas, neste texto, algumas das peças apresentadas.

Siedlecki (2016), em sua tese, investigou licenciandos em Música, tratando de questões de gênero nas quais a mulher é objeto de pesquisa. A autora focou a inserção da mulher no meio performático musical, objetivando saber as opiniões sobre instrumentos destinados a homens e mulheres. A presença feminina, como regente, também foi foco de análise da autora, através do questionamento dirigidos aos entrevistados da pesquisa, em torno de suas opiniões sobre o que pensavam sobre uma manchete veiculada através de um jornal brasileiro: “A regente que roubou a batuta”.





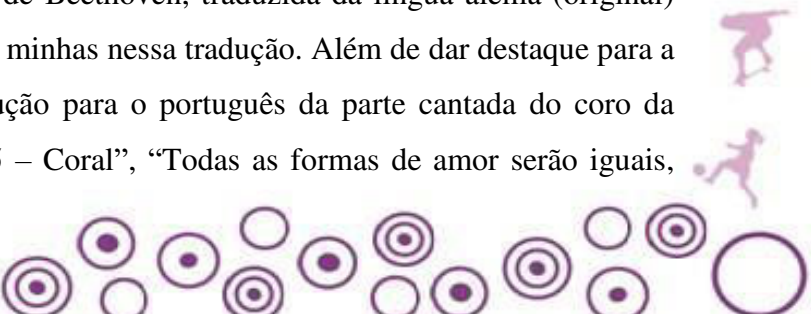
Na análise da autora deteve-se em torno de outras regentes, pois o caso não foi único. Fazendo uma relação com meu recital de piano, uma das compositoras incluídas foi Francisca Edwiges Neves Gonzaga (Brasil/1847-1935), mais conhecida como Chiquinha Gonzaga, que foi um marco na história musical brasileira, por ter sido compositora, maestrina e uma pianista muito à frente de seu tempo. Pelo fato de meu recital tratar da questão homossexual (preconceito) e, pelo fato de Chiquinha Gonzaga ter vivido à época do casal Miguel Arcanjo De Carli (1878-1921) e de sua esposa Maria Domenica Pioner (1880-1861) e do casal Thomaz João da Silva (1871-1944) e de sua esposa Isaltina Francisca Calapati da Rosa (18??-1953), sendo o primeiro casal meus trisavós por parte de Mãe, e o segundo casal meus bisavós por parte de pai, a música “Gaúcho”, popularmente conhecida como “Corta-Jaca”, da autoria de Chiquinha e apresentada pela primeira vez em 1895, foi apresentada ao piano por mim, enquanto meus colegas – que interpretavam essas quatro integrantes de minha família – interpretavam-na, dançando, caracterizados como nas fotografias desses meus antepassados familiares. As fotografias originais desses antepassados ficaram expostas em um projetor, ao fundo do palco, para o público entender que eram aquelas pessoas que estavam sendo representadas.


Ao todo, cinco casais foram apresentados no palco, sendo eles meus trisavós por parte de Mãe, meus bisavós por parte de pai e meus pais. Os dois outros casais tinham características heterossexuais e homossexuais.

Na sequência do programa do recital, o último movimento “Sinfonia nº 9, em Ré Menor, Opus 125 – Coral”, de Ludwig van Beethoven (Alemanha/1770-Áustria/1827), apresentada pela primeira vez no ano de 1824, em Viena/Áustria, foi executada apenas por mim ao piano, de forma simplificada e na tonalidade de sol maior.

O tema principal dessa obra de Beethoven foi apresentado logo após um trecho do casamento religioso de meus pais, ocorrido em 11 de julho de 1992, representando minha mãe, Ângela Maria Benetti de Carli da Silva (1965), sendo conduzida ao altar da igreja por meu avó materno, Orlando de Carli (1939-2013) ao encontro de meu pai, Pedro José da Silva (1954), o qual é uma pessoa negra. Como muitos relacionamentos entre pessoas brancas e negras, o relacionamento dos meus pais teve uma certa resistência de âmbito racista. Contudo, persistiram.

Cantei parte do canto dessa obra de Beethoven, traduzida da língua alemã (original) para a língua portuguesa, com adaptações minhas nessa tradução. Além de dar destaque para a questão racial, a frase adaptada da tradução para o português da parte cantada do coro da “Sinfonia nº 9, em Ré Menor, Opus 125 – Coral”, “Todas as formas de amor serão iguais,





onde tua suave paixão se repousar”, falo sobre todas as formas de amor, pois, como dito anteriormente, havia sobre o palco dois casais, além dos casais que representaram meus parentes mais antigos, ainda vivos, e já falecidos na época do recital, e outro casal, meus pais. Além desses três casais, havia também um casal caracterizado como de heterossexuais, que representou o que minha família pensava para mim, e um casal homossexual de rapazes, que é como me identifico.

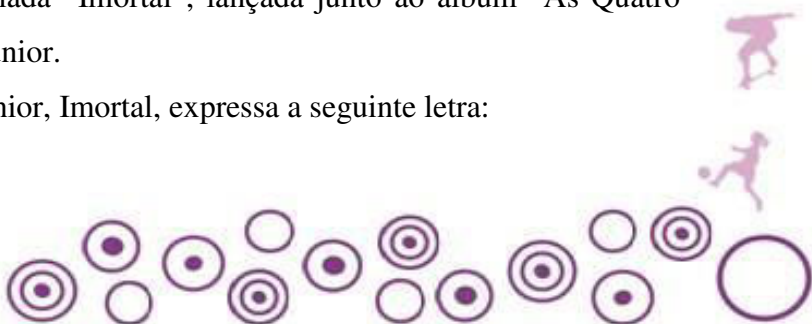
Na sequência das peças musicais adaptei, também, a canção “O Xote das Meninas” (1953), de Luiz Gonzaga (Brasil/1912-1989) e Zé Dantas (Brasil-1921-1962), para “O Xote dos Meninos”, que foi interpretada por mim, ao piano, e com o mesmo colega que cantou a última peça musical do recital comigo, sendo ele na voz e ao acordeon. Além dos cinco casais e eu sobre o palco, havia mais um colega que teve a função de virar páginas da partitura musical, ao piano. Além de exercer essa função, para não precisar ficar entrando e saindo do cenário, e sim ficar durante todo o tempo do recital como os demais personagens, cerca de 60 minutos, sobre o palco, foi-lhe atribuído o papel de Doutor, para fazer parte da música a qual ele e a atriz que representava minha mãe interpretaram, parados ao lado do piano, a frase adaptada da música “O Xote dos Meninos”: - A Mãe leva ao “dotô” o filho adoentado.

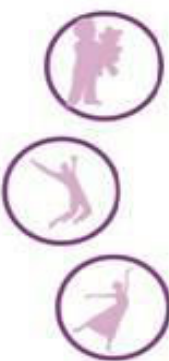
Antes da interpretação e apresentação dessa canção adaptada, um vídeo de poucos segundos, gravado no ano de 2001, por minha Mãe, quando eu tinha sete anos de idade, foi projetado ao fundo do palco. Nele, eu apareço, à época de infância, brincando como uma menina, penteando os cabelos que criei na época com uma peça de roupa sobre minha cabeça. Nessa época, mesmo brincando de ser do gênero oposto, minha família jamais percebera minha identidade oposta ao comum, antes do ano de 2008, quando contei que sou *gay* à minha mãe. Eu tinha quase 14 anos de idade quando esse fato aconteceu.

Já à época do vídeo (2001), eu sabia que havia algo de diferente comigo, pois conforme fui crescendo e entrando na adolescência e na puberdade, nunca me senti atraído por meninas, mas sim por meninos. Mesmo que eu tentasse gostar de meninas, para não ser vítima de preconceito e humilhações, eu não conseguia mudar meu modo de ser.

Para concluir o recital, a peça musical que escolhi para fazer o encerramento foi a música “*Immortality*”, gravada em 1997 e lançada em 1998. A canção interpretada originalmente pela cantora canadense Céline Dion (1968), com os irmãos Bee Gees; em 1999 ganhou uma versão em português, chamada “Imortal”, lançada junto ao álbum “As Quatro Estações”, da dupla de irmãos Sandy e Junior.

O refrão da canção de Sandy e Junior, Imortal, expressa a seguinte letra:





Eu cresci agora sou mulher
Tenho que encarar com muita fé, seria o bastante.
Eu vou seguir o meu caminho e te esquecer
Pensar um pouco em mim tentar viver, seria o bastante.
(SITE VAGALUME, 2018).

Essa canção foi interpretada por mim através da voz, e não ao piano, como nas demais 13 músicas do recital. Eu, juntamente de um de meus colegas, que fazia parte do casal gay, a interpretamos a duas vozes, enquanto o rapaz do casal heterossexual fazia o acompanhamento ao piano, e o outro rapaz do casal gay, que no cenário me representava, por estar utilizando meu casaco de formatura da época do colégio (2012), acompanhava ao violão. Para a execução dessa canção, a adaptação do refrão da letra foi a seguinte:

Eu cresci e agora sou um homem
Tenho que encarar com muita fé, seria o bastante.
Eu vou seguir o meu caminho ao lado dele
Pensar um pouco em mim tentar viver, seria o bastante.

Durante a execução dessa canção adaptada houve alguns erros rítmicos, a ponto do público ajudar para que eu, por sofrer de ansiedade quando me apresento artisticamente, não saísse mais do ritmo do que já havia saído, prejudicando a qualidade do trabalho.


No final, senti-me muito aliviado em conseguir realizar meu recital de piano desse modo, com esforço próprio e comprometimento. Claro, não posso me esquecer de nenhum dos onze colegas atores que me ajudaram no palco, em meu recital, ganhando vida e, principalmente, não posso me esquecer de outros dois colegas que ficaram recepcionando o público na entrada do Teatro onde o recital foi realizado; de minha colega, que gravou com sua filmadora, e da outra colega, que passou as imagens e os vídeos, e que foi a única que não foi vista pelo público durante o recital, por estar atrás da cortina de uma das coxilhas do teatro até o final do recital quando ela e os demais participantes dos bastidores e elenco do recital foram apresentados por mim ao público agradecendo todos que me ajudaram.

Também, ao final do recital, agradei aos professores, instituições e outros colegas que me ajudaram a realizar esse feito, cedendo seus espaços físicos de suas casas e lugares de trabalho para os ensaios.

Resoluções do recital memorial

Após o recital acontecer, todos vieram me parabenizar pelo feito, bem como aos onze colegas que ajudaram, interpretando as passagens de minha vida com a música e os demais quatro colegas que cuidaram da passagem das imagens e vídeos, bem como da recepção aos convidados e filmagem do evento, foram cumprimentados. Mesmo receando que eu não seria muito bem aceito por algumas pessoas de minha família, o que, para mim, não importava,





pelo fato de eu não estar fazendo nada de errado, ninguém deixou de conviver comigo por esse motivo.

Cheguei a convidar meus alunos de uma escola em que dava aula na época, através do PIBID/MÚSICA da universidade a qual eu estudava, inclusive alunos crianças, o que, conforme foi se aproximando a data do recital, fez com que eu mudasse uma cena em que o casal de rapazes, dançando suavemente ao ritmo da música, interpretaria um beijo relativamente longo durante a minha execução, e ao meu sentimento ao piano da “Valsa Op. 39, n.º 15, em Lá Bemol Maior”, de Johannes Brahms (Alemanha/1833-Áustria/1897). Pensei nisso devido a algumas preocupações com os pais das crianças. Dessa forma, troquei o beijo longo por um beijo bastante curto.

Ao final do recital observei que apenas um de meus alunos do 8º ano conseguiu comparecer ao recital. Mesmo assim, senti-me satisfeito com o resultado do evento que teve a presença de cerca de 80 pessoas. Para mim, meu recital de piano foi uma forma livre de apresentar meus pensamentos e de expressão que se manifestou em cima do palco.

Quanto à organização e ao ensaio do recital, um dos apontamentos levantados pelo próprio elenco relacionou-se às reuniões para os ensaios, pois os horários e as agendas pessoais de todos eram diferentes para cada integrante do elenco. Apenas um único ensaio, ocorrido dois meses e meio antes do recital acontecer, é que todos os onze atores, músicos e bailarinos conseguiram, junto de mim, como o décimo segundo integrante do elenco, nos reunir para ensaiar a passagem do recital, no palco.

Por fim, posso dizer que este recital foi, realmente, memorável!

Referências

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, dez. 2007.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46>>. Acesso em: 29 maio 2018.

SIEDLECKI, Vivian. **A diversidade de gênero e sexualidade na perspectiva de licenciandos/as em música**. 2016, 181 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/150804/001009610.pdf?sequence=1>>.

Acesso em: 29 maio 2018.

SITE VAGALUME. **Imortal**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/sandy-junior/imortal.html>>. Acesso em: 29 maio 2018.





VIEIRA, Luciana Leila Fontes. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana.

Revista Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 9, n. 2, jun, 2009. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006>.

Acesso em: 29 maio 2018.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

